

## NOTA EDITORIAL

O número do outono de 2020 da **Revista Filosófica de Coimbra** publica-se em época de múltiplas incertezas, vários receios e numerosas fraquezas. Na contraluz destes tempos insólitos, no entanto, fortalece-se continuamente a interrogação filosófica paciente que recupera ideias genuínas de fragilidade e saúde, de generosidade e coragem, de tempo e cuidado, para assim oferecer à insegurança do viver presente eixos possíveis de orientação autêntica. O presente número da **Revista Filosófica de Coimbra** continua a ser um dos espaços de tal interrogação aturada, prosseguindo o seu ritmo de publicação que atesta, de algum modo, a própria robustez do labor filosófico contemporâneo.

Nas páginas deste número acolhe-se um conjunto muito relevante de trabalhos que merecem leitura atenta. Elenquemo-los de modo breve, por secção e na mesma ordem alfabética do primeiro nome do respetivo autor que o leitor encontrará ao longo destas páginas.

A secção de *Artigos* é aberta por um trabalho de grande interesse da autoria de Ana Raquel Rodrigues Lobo Pinto. Nesta ocasião, a autora dedica-se a uma investigação do *voluntário e involuntário na atenção* no contexto da filosofia ricoeuriana da vontade. A escolha do tema da “atenção” é muito sugestiva, não apenas por abordar uma das primeiras temáticas que chamou o jovem Ricoeur a pensar filosoficamente, mas também por ser um assunto pouco estudado no horizonte do percurso filosófico do pensador de Valence. Segue-se um texto da autoria de Diogo Falcão Ferrer, colaborador assíduo da nossa Revista e especialista que dispensa apresentações junto dos nossos leitores. Neste número, Diogo Falcão Ferrer publica um trabalho, de evidente qualidade, que se ocupa do “papel do espaço e do tempo na crítica ao funcionalismo arquitetónico”. Elegante nas suas formulações e original nas suas sugestões mais vigorosas, o trabalho em questão atravessa os horizontes teóricos de autores como E. Kant, M. Heidegger, G. Bachelard, J. Pallasmaa ou G. Böhme com o escopo de fundamentar a seguinte tese fulcral: a arquitetura “pode ser entendida como um esquema sensível da auto-compreensão humana”. Segue-se o artigo de Edmundo Balsemão Pires intitulado “Formas Tecnológicas da Comunicação nos Artefactos e nos Media”. O autor, nome conhecido e reconhecido do panorama filosófico contemporâneo, apresenta nestas páginas um

trabalho denso e de grande vigor no contexto do qual argumenta, de forma original e inspiradora, que a comunicação artística, entendida como sobrecodificação de vários *media*, “tem a faculdade de redimensionar os emissores, destinatários e mensagens, mesmo quando tem lugar em meios de difusão estandardizados ou mercantilizados”. O caminho que nos é proposto para chegar a tal asserção merece igualmente atenção, desde logo pelo seu carácter provocador; de facto, o leitor competente é aqui chamado a seguir o caminho de três críticas fundamentais e preparatórias: a crítica ao esquecimento da orientação comunicativa da produção e respetivo destino social por parte das abordagens preocupadas exclusivamente com o tema da “intencionalidade da dependência mental”; a crítica à abordagem unidimensional do “moderno” e da “técnica”; a crítica ao conservadorismo latente das abordagens de Benjamin, Adorno ou Marcuse face à “autonomia da comunicação na modernidade” e à “expansão da produção industrial automatizada segundo diagramas e a sua aplicação aos produtos da arte”. O quarto artigo publicado no presente número tem por título “Aspectos da crítica straussiana a São Tomás” e é da autoria de João Diogo Loureiro, investigador do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos. Neste trabalho, minucioso e atento às subtilidades textuais mais árduas, o autor pretende analisar, partindo da crítica enunciada no título do artigo, a relação “estabelecida na *Suma teológica* entre o direito natural e o *ius gentium*, esse corpo básico de institutos jurídicos tido precisamente por comum aos vários povos”. Segue-se o trabalho de John Bolender com o título “A incompatibilidade de cores segundo Wittgenstein e sua relação com a aritmética”. Situando a sua investigação, detalhada e consequente, no período da investigação de Wittgenstein que se inaugura na posteridade do *Tractatus*, o autor organiza o presente artigo em redor das análises empreendidas por Sarah Moss sobre a filosofia da lógica do famoso filósofo. Após uma revisão destas análises, o autor concentra os seus esforços no exame dos “motivos pelos quais Wittgenstein rejeita a abordagem tractariana à lógica” para, depois, regressar uma última vez às análises de Moss com o escopo final de explicar as razões pelas quais afirma “duvidar” de tal abordagem. A secção de *Artigos* do presente número encerra-se do melhor modo com um trabalho de grande alcance, profundidade e minúcia de Mário Jorge de Carvalho, nome cimeiro do pensamento filosófico português que a **Revista Filosófica de Coimbra** se orgulha de acolher regularmente nas suas páginas. Desta volta publica-se o trabalho intitulado “*Die Kunst, unaufhörlich fortzumeinen*. Fichtes Kritik der „leeren Form der Wissenschaft“ und ihr Verhältnis zu Kants drei „Maximen der Selbsterhaltung der Vernunft“. Se algo fosse necessário dizer para convencer os nossos leitores a ler este trabalho, o que manifestamente não é o caso, bastaria porventura afirmar que o texto em questão guarda todas as qualidades que a produção do autor reiteradamente confirma. E há, depois, as razões propriamente filosóficas. Para estas sobrarão anotar que o artigo pretende enfrentar a questão “de saber se e até que ponto alguns dos mais fundamentais traços da ‘forma vazia do saber’ descrita por Fichte resultam de uma compreensão leviana, superficial e distorcida das ‘máximas da auto-preservação da razão’ identificadas por Kant e se podem muito bem ser reconstruídos por esta via”.

Após a secção de *Artigos* aguarda ainda os nossos leitores o regresso de uma secção da nossa Revista que há já algum tempo não era aberta: a secção de *Documentos*, dedicada à publicação de textos de investigação que não assumiram a forma de artigo, mas nem por isso deixam de guardar elevado interesse científico. Nesta ocasião, publica-se um texto de grande relevância do reconhecido investigador de Lovaina Noël Golvers. Trata-se de uma *nota* sobre “a entrada” de Descartes no *Colégio das Artes* de Coimbra, que nos faz viajar até meados do século XVII por entre vestígios textuais aqui mapeados com rara competência e esmero.

Seja-nos permitida uma palavra final nesta *Nota Editorial*.

Estava já este número da **Revista Filosófica de Coimbra** encerrado quando recebemos a notícia da aposentação do Sr. Professor Doutor João Maria André, membro distinto do nosso Conselho de Redação. Tal ocasião, marcante para a Secção de Filosofia que integrou durante várias décadas, não poderia deixar de evocar em todos os seus colegas e amigos a figura do intelectual comprometido e que sempre procurou corajosamente os lugares difíceis de fronteira entre múltiplos saberes e diferentes artes para desenvolver as suas investigações. Especialista internacionalmente reconhecido do pensamento de Nicolau de Cusa e da filosofia do Renascimento, mas também encenador, ator, poeta, João Maria André esteve ligado ao nascimento da Revista Filosófica de Coimbra, na qual publicou amplamente. É com a esperança justificada de que continue a inspirar-nos com os seus textos que este número da **Revista Filosófica de Coimbra** lhe é dedicado.

*Luís António Umbelino*  
Diretor

